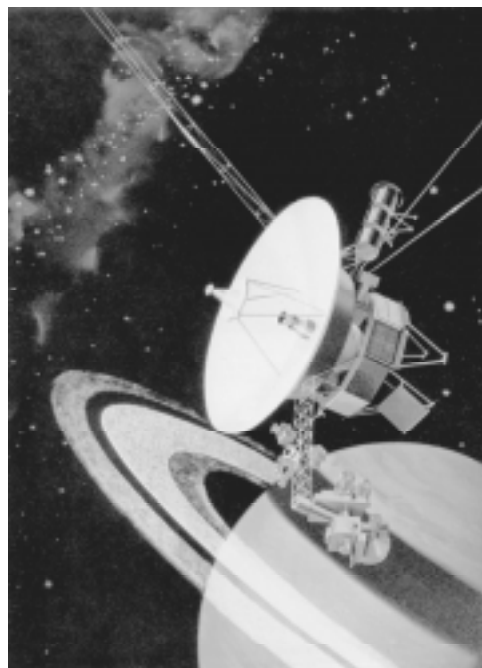


O mundo atual: a História não acabou

A partir da Segunda Guerra Mundial, as comunicações assistiram a um avanço sem precedentes. No início do século, o telégrafo e, posteriormente, o rádio, eram os principais meios de comunicação de massa. As guerras mundiais contribuíram para o desenvolvimento de novos meios de comunicação.

Na década de 1950, surgiu a televisão. A corrida espacial entre a União Soviética e os Estados Unidos estimulou o desenvolvimento de uma sofisticada tecnologia de comunicações via satélite. Atualmente, podemos receber imagens geradas em outros países, e as comunicações **via satélite** fazem parte de nosso dia-a-dia: transmissões de imagens televisivas, de informações, de dados informatizados e de telefonemas são utilizadas por milhões de brasileiros.

A sonda espacial *Voyager 1*, lançada em setembro de 1977 em missão de exploração de Júpiter, levou ao espaço uma "saudação interplanetária", gravada em 55 línguas, em nome de todos os povos do planeta.



A Guerra do Vietnã foi a primeira guerra que entrou nos lares norte-americanos, diariamente, por meio dos noticiários. Por causa dessas transmissões, uma grande parcela de norte-americanos se mobilizou contra a intervenção dos Estados Unidos na Indochina. Recentemente, a Guerra do Golfo, no Oriente Médio, entrou nos lares de milhões de habitantes do planeta.

Outra revolução técnica que nos afeta diretamente é a revolução da informática. Os computadores, desenvolvidos desde a década de 1950, ganharam espaço e tornaram-se o principal meio de armazenamento e processamento de dados – de contas bancárias a documentos de identidade ou declarações de imposto de renda.

Atualmente, grande parcela de serviços está sendo **informatizada**. O projeto de um edifício pode ser feito por computador, a contabilidade de uma empresa e o orçamento doméstico podem ser controlados por ele. O computador está em toda parte. Até nos *videogames*.

A questão ecológica

Com o fim da ameaça nuclear, os movimentos pacifistas internacionais se voltam para a questão da preservação do nosso planeta. O objetivo é controlar e amenizar os efeitos da devastação do meio ambiente gerados pela expansão descontrolada da industrialização. O desmatamento de florestas tropicais, importantes para o estudo e a preservação da fauna e da flora, coloca em risco o equilíbrio ecológico da Terra.

Energia atômica: uma ameaça ao meio ambiente?

A utilização da energia atômica para finalidades pacíficas também vem sendo discutida por organizações ambientalistas e governos. O vazamento de radioatividade ocorrido em usinas atômicas coloca em risco o nosso planeta: as áreas atingidas pelo vazamento de materiais radioativos tornam-se impróprias para serem habitadas por qualquer espécie viva.

Os maiores acidentes ocorridos em usinas nucleares foram:

- o acidente de Three Mile Island, nos Estados Unidos, em **1979**;
- o acidente de Chernobyl, na União Soviética, em **1986**.

A Eco-92

Patrocinada pela ONU, a Cúpula da Terra reuniu 114 chefes de Estado e mais de 40 mil militantes de 3.200 organizações não-governamentais (ONGs) no Rio de Janeiro para discutir o futuro do planeta. As reuniões tiveram como resultado a elaboração de cinco documentos e convenções sobre mudanças climáticas, biodiversidade, florestas, direitos e responsabilidades dos Estados e um programa de ação para o próximo século, a **Agenda 21**.

Graças à conferência realizada no Rio de Janeiro em junho de **1992**, a questão da preservação do meio ambiente foi discutida por amplas camadas da população mundial. Pobreza, taxas de crescimento populacional e taxas de consumo também foram discutidas pelos participantes da conferência.

Um mundo dividido pela miséria

A questão ecológica não pode ser discutida sem levar em conta a miséria dos países em desenvolvimento, ou Terceiro Mundo. A maior parte dos problemas ambientais nesses países, inclusive no Brasil, deriva da quase absoluta miséria

em que vivem grandes setores de sua população. Falta de saneamento básico, água, esgoto tratado e alimentação adequada favorecem a propagação de doenças endêmicas. A degradação das condições ambientais, por causa do crescimento desordenado e indisciplinado, piora a situação nas grandes metrópoles do Terceiro Mundo.

O caso brasileiro ilustra bem esse impasse econômico e político que assinalará a virada do século. Em muitos países como o Brasil, a extrema riqueza e a extrema miséria convivem em níveis alarmantes, gerando conflitos e violência que atingem índices altíssimos. A violência é fruto da miséria, do desemprego, da corrupção de certas elites que usam a máquina do Estado para seus interesses imediatos. Contra essa situação, surgiram nos últimos anos novas formas de solidariedade, novas respostas a velhos problemas. É o caso, no Brasil, de duas iniciativas de sucesso, desligadas de partidos ou grupos. São organizações não-governamentais que têm atuado de modo eficiente.

Uma delas fica na Bahia, uma região onde a qualidade de vida se deteriorou terrivelmente nos últimos anos. Lá, o advogado e educador Cesare de la Rocca, nascido em Florença mas morando no Brasil há cerca de trinta anos, cuida de cerca de 3 mil crianças de rua de Salvador. É o **Projeto Axé**, apontado pela ONU como um bom exemplo para o Terceiro Mundo.

Outra iniciativa é a do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que em 1993 lançou um movimento de solidariedade e de combate à fome e à miséria. Cansado das disputas partidárias, das promessas não cumpridas, das iniciativas de pequenos grupos isolados, Betinho conseguiu comover a opinião nacional a olhar de frente a miséria do país. A fome é o problema número um, e Betinho mobilizou a sociedade para atacá-la. Primeiro, organizando grupos e iniciativas variadas para um mesmo objetivo. Segundo – é nesse ponto que o problema se torna mais complicado –, começando a discutir as origens da miséria, para combatê-la no seu nascedouro. Afinal, num país cheio de riquezas e potencialidades como o nosso, onde estão as origens da miséria?

Após essa batalha contra a fome, que está longe de acabar ou de ser bem-sucedida, Betinho deu início, em 1994, à luta contra o desemprego.



Favela brasileira

O ressurgimento da intolerância: os conflitos étnicos e o neonazismo

O aprofundamento do abismo entre os países ricos e os países pobres é responsável pelos movimentos migratórios que caracterizam o mundo atual:

- os países que formam a União Européia se vêem obrigados a assimilar números crescentes de trabalhadores vindos do Leste europeu e de suas ex-colônias africanas e asiáticas;
- os Estados Unidos recebem anualmente milhares de imigrantes ilegais que fogem da pobreza do subcontinente americano;
- descendentes de japoneses migram a cada ano de volta para o Japão, saindo especialmente do Brasil, em busca de melhores condições de vida e empregos mais bem remunerados.

As conseqüências mais visíveis desses movimentos migratórios são a crescente **intolerância** e o surgimento de grupos **neonazistas**, que são também alimentados pelas altas taxas de desemprego que a nova ordem mundial parece ser incapaz de resolver.

Os neonazistas, em sua maioria jovens e desempregados, querem expulsar os trabalhadores estrangeiros e agem com violência. Na Alemanha, as tensões geradas pela reunificação e a presença de imigrantes provenientes da Turquia criaram um campo fértil para a ação de grupos paramilitares. Eles incendiam habitações de imigrantes, espancam deficientes físicos e depredam cemitérios judeus.

Na França, o partido de ultradireita liderado por **Jean-Marie Le Pen** prega a expulsão dos imigrantes árabes e africanos provenientes das ex-colônias francesas. Recentemente, o governo francês criou uma polícia de imigração para combater a imigração irregular e o trabalho clandestino de estrangeiros no país. No Brasil, grupos neonazistas – os chamados “carecas” – cultivam o preconceito e agem com violência contra negros e imigrantes nordestinos.



Cartaz da Liga Antinazista da Inglaterra, com o rosto do nazista Goebbels, denuncia a Frente Nacional, partido britânico de extrema direita.

A Aids: o “mal” do fim do século

A Aids é a principal doença contagiosa dos nossos dias e atinge parcelas cada vez maiores da população. Até o momento, os cientistas não encontraram cura para a doença nem vacina contra o vírus. O contágio se dá pelo contato sexual ou pelo sangue, seja por meio de transfusões contaminadas ou pela utilização de material não-esterilizado, como as seringas compartilhadas por viciados em drogas injetáveis.

Várias campanhas de conscientização e prevenção contra o vírus da Aids procuram alertar a população. Apesar disso, o preconceito e a desinformação fazem crer que a Aids é uma doença que se restringe aos homossexuais, considerados, até recentemente, o principal “grupo de risco”. Estudos recentes demonstram que o contágio entre as mulheres e os viciados em drogas injetáveis aumenta incessantemente, o que desmente a versão de que apenas os homossexuais seriam responsáveis pela transmissão do vírus.

Na cidade de São Paulo, a maior do Brasil, a Aids mata mais do que os acidentes de trânsito. Os dados e as estatísticas sobre a Aids ainda são pouco confiáveis, pois existe muito preconceito: as famílias alteram a causa da morte nos atestados de óbito por causa disso.

A História não acabou

Essas são apenas algumas das perspectivas, não muito animadoras, do nosso mundo, no qual a História continua e exige de nós consciência e atuação. Os problemas são muitos e o “progresso” técnico não parece capaz de resolvê-los.

Qual a solução?

Uma delas, ou pelo menos o início dela, pode ser **informar-se, para tornar esse mundo o nosso mundo**. Como cantou Gilberto Gil numa de suas músicas: **“se oriente, rapaz”**.

Sobre nossa difícil condição contemporânea, leia essas idéias de um jovem pensador de nosso tempo, que nos propõe lutar para tornar este mundo o nosso mundo, e reflita:

A economia moderna provavelmente continuará em expansão, embora talvez em novas direções, adaptando-se às crises crônicas de energia e do meio ambiente que seu sucesso criou. As adaptações futuras exigirão grandes turbulências sociais e políticas; mas a modernização sempre sobreviveu em meio a problemas, em uma atmosfera de “incerteza e agitação constantes” em que, como diz o Manifesto Comunista, “todas as relações fixas e congeladas serão suprimidas”. Em tal ambiente, a cultura do modernismo continuará a desenvolver novas visões e expressões de vida, pois as mesmas tendências econômicas e sociais que incessantemente transformam o mundo que nos rodeia, tanto para o bem como para o mal, também transformam as vidas interiores dos homens e das mulheres que ocupam esse mundo e o fazem caminhar. O processo de modernização, ao mesmo tempo que nos explora e nos atormenta, nos impele a apreender e a enfrentar o mundo que a modernização constrói e a lutar por torná-lo o nosso mundo. Creio que nós e aqueles que virão depois de nós continuarão lutando para fazer com que nos sintamos em casa neste mundo, mesmo que os lares que construímos, a rua moderna, o espírito moderno continuem a se desmanchar no ar.

Marshall Berman, Tudo que é sólido desmancha no ar, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 330



Foguete com ônibus acoplado, lançado nos Estados Unidos. A conquista do espaço abre novas perspectivas para a História da humanidade.

Exercícios

Exercício 1

Quais as duas grandes revoluções tecnológicas dos últimos anos?

Exercício 2

Por que os movimentos pacifistas internacionais se voltam para a questão ecológica?

Exercício 3

O que os acidentes nucleares das usinas de Three Mile Island, nos Estados Unidos, em 1979, e de Chernobyl, na União Soviética, em 1986, provocaram?

Exercício 4

O que é a Aids?

